

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CAROLINE PIRES MENDES

JORNAL GAZETA ESTUDANTIL:
Análise de produções textuais na Educação de Jovens e Adultos

Porto Alegre
2019

CAROLINE PIRES MENDES

JORNAL GAZETA ESTUDANTIL:

Análise de produções textuais na Educação de Jovens e Adultos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia

– Licenciatura da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial e obrigatório para obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Godinho

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ambiente de socialização e trocas que proporciona, seu corpo docente, administração, direção e à COMGRAD;

... à minha orientadora Dra Ana Godinho que compartilhou comigo suas experiências em estágio supervisionado e na elaboração deste trabalho, todo apoio, confiança e dedicação;

... aos meus pais que me incentivaram e me fortaleceram durante o período do meu processo de formação;

... à Clarice, Vera, Edite e Paula por me ensinarem a ser modelo de mulher independente, corajosa e íntegra;

... à todos meus familiares, amigos e colegas por demonstrarem felicidade por minha escolha de curso de licenciatura em pedagogia e acreditarem junto comigo na mudança de uma nova geração através da educação;

... ao Vitor de Sá por ser um pilar importante em meus momentos de cansaço, escutando afetivamente minhas falas e por todo apoio e amor que temos um pelo outro.

... especialmente à minha prima e amiga Letícia que faleceu no meu período de graduação, agradeço por ter me instruído em reforços escolares na adolescência, em todo processo de ingressar na universidade, primeiros trabalhos acadêmicos e em dar conselhos importantes para minha vida.

Resumo

Este trabalho conta uma parte da minha trajetória durante o período de estágio obrigatório na Educação de Jovens e Adultos, requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRGS. Através de uma análise descritiva do meu relato de experiência, narrei minhas vivências durante o estágio, análises de escrita, produções e vivências dos alunos durante esses meses até culminar em uma atividade coletiva que penso ser a mais importante de todo esse processo que é a criação do jornal da turma chamado Gazeta Estudantil, onde todos os alunos são responsáveis por uma coluna e ao qual, relato nesse trabalho as práticas de escrita utilizadas e o processo que suscitou em um resgate de memória para realização das produções individuais dos alunos e na escrita de seus relatos de experiência.

Palavras chaves: **EJA. Produção Coletiva. Análise de Escrita.**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Poema de Galeano	23
FIGURA 2 – Diálogo de H.S	29
FIGURA 3 – Diálogo de H.S 2	30
FIGURA 4 – Diálogo de H.S 3	30
FIGURA 5 – Diálogo de H.S 4	31
FIGURA 6 – Diálogo de H.S 5	32
FIGURA 7 – Diálogo de H.S 6	32
FIGURA 8 – Coluna do Jornal Gazeta Estudantil.....	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	02
1 METODOLOGIA	04
1.1 PROCEDIMENTO DE GERAÇÃO DE DADOS	04
1.2 OBJETIVOS	08
2A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: ASPECTOS SÓCIO- HISTÓRICOS	09
3ASPECTOS PEDAGÓGICOS DA EJA – A ESCRITA COMO PROCESSO DE MEMÓRIA E LEITURA DA PALAVRAMUNDO	16
4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA INSTITUIÇÃO DE PRÁTICA	20
4.1 CONTEXTO DA TURMA	21
4.2 EXPERIÊNCIA EM SALA – O CAMINHO ATÉ A CONSTRUÇÃO COLETIVA	21
5O JORNAL – GAZETA ESTUDANTIL	26
6CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho conta uma parte da minha trajetória durante o período de estágio obrigatório na Educação de Jovens e Adultos, requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRGS. Através do meu relato de experiência, narrei e analisei minhas vivências durante o estágio, produções e vivências dos alunos durante esses meses até culminar em uma atividade coletiva que penso ser a mais importante de todo esse processo que é a criação do jornal da turma chamado Gazeta Estudantil, onde todos os alunos são responsáveis por uma coluna e ao qual, relato nesse trabalho as práticas de escrita utilizadas e o processo

Dentro da proposta de um planejamento flexível que se adéqua ao interesse dos estudantes, pude vivenciar em sala de aula a diferença entre o conteúdo (saber) a ser ensinado pelo educador aos aprendizes e o mesmo saber (conteúdo) que de forma diferente também é ensinado de maneira a ser captado como uma aprendizagem significativa pelos alunos.

Com a proposta de planejamento voltada a ensinar tipologias textuais, nasceu o interesse por parte da turma pelo gênero textual: notícia, entendendo que ela está presente no nosso dia-a-dia em jornais, redes sociais e etc, caracterizada, muitas vezes, por um acontecimento que diz respeito à realidade de violência e vulnerabilidade social, que parte da turma está inserida.

De forma a contemplar o interesse do grupo e dar conta de um planejamento que desde o início foi salientado pela coordenadora pedagógica a ser mais “puxado” no âmbito de interpretação de texto, originou-se a ideia de trabalhar com a turma o jornal, especialmente pensado para que os alunos pudessem conhecer os gêneros textuais que o compõem e desta forma aprender sobre estas diferenças interpretando e criando e após conhecer a estrutura de um jornal e os diferentes tipos de textos que compõem a obra, criar o próprio jornal da classe. Uma via de mão dupla, que iria permitir ao aluno ler, analisar, comparar, pesquisar, escrever, conectar-se a plataformas online que permitissem o envio do material produzido e a autoria de uma coluna que trouxesse as práticas de escrita e um pouco da

identidade de cada aluno.

Nessa experiência acumulei materiais em torno do tema onde quero aprofundar minha vida acadêmica que é a produção coletiva em EJA.

1METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento as escolhas teórico-metodológicas deste estudo. É utilizada uma metodologia qualitativa que busca descrever e analisar a experiência formativa propiciada pelo estágio supervisionado em Educação de Jovens e Adultos.

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, por não almejar a universalização dos seus resultados, uma vez que os sujeitos e os contextos pesquisados têm uma dimensão singular que precisa ser considerada.

Para que um conhecimento possa ser considerado científico, é necessário determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento, identificando as operações mentais e métodos utilizadas para a sua verificação (GIL, apud SILVEIRA, 2001).

1.1 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

Por se tratar de um estudo que analisa a experiência de estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos, a geração de dados ocorreu ao longo do primeiro semestre de 2019, durante o referido estágio.

O estágio foi realizado em docência compartilhada. Com uma colega de graduação, também em estágio supervisionado, realizamos juntas as atividades de planejamento, seleção e elaboração de materiais didáticos, execução das atividades em sala de aula e avaliação do andamento do estágio. Buscamos em dupla refletir sobre as atividades que davam certo e as que precisavam de ajustes, analisar os acontecimentos diários, além de compartilhar uma com a outra os registros de diário de classe, que eram feitos individualmente. Durante as atividades, sempre deliberamos previamente quem conduziria a atividade e quem ficaria apenas como auxiliar em sala de aula para colaborar na condução da tarefa e no acompanhamento de estudante(s) com alguma necessidade particular. Em alguns momentos, essa necessidade não se referia ao conteúdo, mas a alguma questão

emocional provocada no cotidiano familiar do estudante. Diante dessas situações, uma das estagiárias prestava um apoio mais individualizado e informal a esta pessoa até que ela conseguisse se estabilizar emocionalmente e assim poder retornar às atividades escolares.

Ao analisar esta experiência, considero que o ato de compartilhar a docência resulta numa partição, interagindo diretamente com o outro professor que estará na mesma turma. Vai além da possibilidade de aprender o conteúdo com uma única direção de ensinar se dá na expansão do ensino disciplinar, possibilitando que os conteúdos e currículo sejam abordados por duas maneiras diferentes, o que é muito positivo, pensando que cada estudante se apropria do conhecimento de modo diferente e o toma para si quando mesmo se dá através de uma aprendizagem significativa.

Para Samuel Fernández (1993, s/p), compartilhar a docência “permite a utilização flexível e eficiente do tempo do professor e se beneficia dos diferentes estilos de ensino, da colaboração entre profissionais e da utilização de alternativas de ensino”.

A docência compartilhada me possibilitou pensar no meu ensino fundamental, no meu grau de quarta série, onde tive duas professoras de português, a primeira ficou um semestre e se ausentou, em seguida entrou outra professora para substituí-la, situação que me beneficiou muito, pois, o manejo da segunda professora me oportunizou uma aprendizagem significativa que me recordo até os dias de hoje, em contrapartida, não conseguia entender o mesmo conteúdo com a professora anterior. Penso na importância da docência compartilhada ampliando as possibilidades de aprendizagens.

Os dados analisados neste trabalho de conclusão foram gerados nas seguintes etapas: nos registros em diário de classe individual, no memorial e em textos produzidos pelos estudantes da turma onde se realizou o estágio.

Com o diário de classe pude fortalecer minhas inquietações teóricas, que se manifestavam cada vez que eu lia *A Roda e o Registro* (WARSCHAUER, 1993). Esse livro me possibilitou ter um olhar diferenciado sobre o ato de registrar como um instrumento pedagógico potente para a análise do desenvolvimento individual e

coletivo da turma.

O livro permite pensar na influência de dois aspectos importantes no processo de aprendizagens e de desenvolvimento do grupo, que são: a roda, para que se estabeleça a relação de igualdade, olhar nos olhos de cada pessoa, sentir as relações diretas; e o registro escrito como princípio básico da organização docente, pois através dele, temos um documento importante que ajuda em situações em que precisamos analisar o contexto do estudante, pois, com o registro, conseguimos compreender quando tal comportamento tornou-se mais assíduo e, desta forma, pensar na melhor estratégia para ajudar.

Para a escrita do memorial, me remeti muitas vezes à minha infância, onde tinha uma pasta com folhas coloridas onde eu escrevia em meu caderno da HelloKitty informações de festas na escola e dos meus alunos (bonecos). Através dessas agradáveis memórias da minha infância como pequena professora, fui tomando nota do dia-a-dia de estágio, enfeitando meu caderno de professora em processo de formação, organizando e grifando com marca texto informações relevantes como, por exemplo, feedback da semana. Assim, durante o estágio, preenchendo chamadas, resgatava a cada escrita a Carol professora de bonecas.

O processo de produções textuais contou com cinco trabalhos de escrita dos estudantes que permaneceram até o fim do semestre. Foram cinco estudantes que participaram das etapas de criação e desenvolvimento do jornal, progredindo desde a noção dos diferentes tipos de textos jornalísticos, conhecendo a estrutura do jornal até a ação de pensar em uma temática para a coluna, pesquisar sobre o tema e enviar os materiais de pesquisa escritos no word para o e-mail da turma. As produções contavam com relatos de experiência, colunas de embelezamento, textos sobre racismo e preconceito e falas comparando o passado com a atualidade. Alguns dos alunos que participaram da produção demonstravam grande dificuldade em mexer no computador e não tinham temática definida. Uma solução foi pensarmos em formar duplas de interesse comum, o que deu certo dentro da proposta.

Durante o período que frequentei o estágio, ocorreram conversas com os estudantes e produções, em que me baseio para este estudo. Então, além do

resgate memorial de minhas vivências no estágio, contando o que vivi com base nas lembranças de atividades, ao qual me auxilia com detalhes que aproximam a descrição do momento retratado e permitem que eu repasse os mesmos ao leitor deste trabalho, é importante pensar no percurso até o momento do produto final do jornal e em como ele foi importante para dar a originalidade das colunas produzidas pela turma, falas constituídas e pensadas coletivamente.

Para me auxiliar neste processo de resgate de memória de maneira mais legítima, utilizei duas fontes muito importantes para compor essa obra: o diário de classe e os textos produzidos pelos estudantes e enviados para o e-mail da turma. Desta forma, consigo apresentar uma visão completa acerca do que foi trabalhado e como foi o processo completo de resgate e produção deste material.

Com fim de analisar os textos através de materiais utilizados em aula e do resgate de memórias, foi realizada uma análise através de uma pesquisa qualitativa onde busquei compreender e ressaltar todas as informações que pude verificar sobre as experiências de meus alunos.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho, conforme minhas análises e material coletado, é: analisar a experiência de escrita na EJA desenvolvida em turma de totalidade inicial do Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre.

Os objetivos específicos são:

- Identificar como foram as concepções acerca das características do gênero textual jornalístico;
- Relatar as experiências dos alunos ao conhecer a história do jornal a partir de texto e vídeos;
- Descrever como foi a socialização das informações a partir da leitura dos textos;
- Contar como sucedeu o desenvolvimento das técnicas de redação em textos até resultar na familiarização e identificação de um texto jornalístico;
- Refletir sobre as ações que motivaram os alunos a habilidade de entrevistar e

produzir notícias do cotidiano escolar;

- Apontar situações em que foram proporcionados momentos de pensar e criar questionamentos sobre a estrutura de um jornal

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Neste capítulo, abordo o contexto em que a Educação de Jovens e Adultos está inserida em nossa realidade. Para isso, sistematizo dados sobre os direitos, deveres e o acesso à educação básica.

A EJA, de acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, é uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional, com finalidades e funções específicas: reparadora, equalizadora e permanente ou qualificadora. Respectivamente a primeira função se refere à compreensão de que o estudante da EJA teve seu direito a educação negado e deve ser restaurado; a segunda função oferece formas para que o estudante se coloque igualitariamente na sociedade com oportunidades; e, por fim, a última função diz respeito a uma aprendizagem para toda vida.

Desta forma, o propósito do educador da EJA que se coloca a buscar nos objetivos de seu planejamento uma escolarização de qualidade para a turma, vai além do processo de alfabetização, busca estabelecer entre os estudantes relações humanas, valorizando seus saberes de experiência, leitura de mundo e possibilitando oportunidades de formarem sua opinião crítica e estarem em um processo de aprendizado contínuo e significativo. De acordo com Machado:

Assim como consideramos uma lei resultado de uma luta histórica, também consideramos a escola como uma conquista da humanidade. Por esse motivo, ao lado de todas as lutas travadas na EJA, a luta pelo direito a escolarização de qualidade é uma bandeira que precisa ser retomada em seu sentido mais profundo, como um compromisso ético- político dos educadores para com os educandos.(MACHADO,p. 432)

Ante as reflexões da autora, questiono-me sobre a importância de um professor ter um olhar sensível voltado à educação social. A diferença é notória entre o profissional com formação padrão e o profissional que, além da formação, tem interesse por pesquisar e buscar diferentes formas de entender mais sobre a realidade dos estudantes e, em contraponto, está preparado para assumir um

compromisso, conforme Machado, “ético-político”.

Assim como a intencionalidade política do educador interfere na EJA, também a vontade política dos governantes que atuam no Poder Público é de suma importância para a efetivação da garantia do direito à educação. Nessa direção, medidas recentes no Brasil indicam o descaso com que a modalidade tem sido tratada. A extinção da Secadi, o fechamento de turmas de EJA em Porto Alegre e o parcelamento de salários dos professores da rede pública de ensino no Rio Grande do Sul indicam que, seja na esfera federal, seja na municipal ou estadual, o Poder Público vem negligenciando um direito humano imprescindível para o acesso ao patrimônio científico, histórico e cultural da humanidade. O Estado brasileiro tem o dever de garantir a todos uma educação pública, gratuita e de qualidade. No entanto, nem no acesso nem na “qualidade”, o Estado brasileiro atende as demandas e seus deveres.

Acredito em uma educação como futuros pedagogos fundamentada em autores, teorias e práticas pedagógicas, mas a ausência do Estado faz com quem sem suporte e/ou auxílio, a escola pública ao receber esses novos profissionais - e os que já estão lá - acabem ensinando mais do mesmo. De acordo com o livro *Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais*, artigo *A Escola (IN)visível: Notas para Professores*, de Eizirik e Comerlato (1997, p.185):

A escola (IN)visível é uma tentativa de desvelar, de mapear, de cartografar alguns aspectos desse emaranhado de relações que se estabelecem no espaço Escola. Instituição essa que se constitui de complexas redes de poder-saber que, por englobar tudo e a todos, impede, muitas vezes, olhares diferentes, afasta possibilidades de “outros pensares”, naturalizando regras, padrões, comportamentos, claramente localizáveis na construção histórica da nossa sociedade e suas instituições. (EIZIRIK e COMERLATO, 1997. p.185)

Entendo que a educação é um procedimento complexo, em que nos dias de hoje ainda existe uma vasta fração da população que não teve ou tem oportunidade de ingressar num ambiente escolar, referente a fatores socioeconômicos que enredam o acesso à educação.

Alguns fatores são analisados em relação ao abandono e à evasão escolar,

surgindo classificações dos mesmos em fatores endógenos e exógenos. As causas exógenas são defendidas por autores como Brandão (1983), Arroyo (1993) Janosz (1997), Queiróz (2002), Zago (2011), argumentando que o abandono se alicerça na má condição familiar, na necessidade de trabalhar para auxiliar os pais no sustento da família e na diferença de classes que alteram as relações sociais. Segundo os autores mencionados, por mais que se tente solucionar o problema com políticas públicas regionais e locais inclusivas, o problema persiste. Desta forma, e por outros fatores, a parcela de analfabetos e alunos que evadem a escola são altos no nosso país.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil, assim denominada, existe desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Esta lei define a EJA como uma modalidade da educação básica, o que representa um avanço importante na concepção de educação voltada a pessoas que não estudaram no tempo previsto pela legislação. Até então, a oferta educacional para estes sujeitos era de ensino supletivo, caracterizado pelo aligeiramento e a lógica da suplência. Conforme autores como Fávero e Freitas (2011) e Machado (2016), o ensino supletivo visava à formação de mão de obra por meio de um estudo adaptado, tomando como referência o ensino de crianças.

Nesse contexto, a atual definição de EJA reconhece os estudantes desta modalidade como sujeitos com culturas e saberes diversos, como indica o texto da LDB:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. §1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. §2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. §1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II– no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996)

Somos seres societários, capazes de aprender, através da educação formamos nossa identidade, nossos princípios, nosso sentido de existência. Assim sendo, o ato de aprender nos possibilita abrir portas que jamais imaginaríamos, pois colocamo-nos expostos a situações de ousadia em que nos experienciamos. Aprendendo ensinamos e, da mesma forma, quando ensinamos aprendemos, como Freire (1992), afirmou. A figura da porta aberta representa as possibilidades de ampliação de experiências, saberes e trocas entre os estudantes. Penso nesta porta como símbolo do acesso a outras experiências socioculturais, diferentes daquelas proporcionadas pelo grupo social a que pertence o estudante.

Também penso no acesso à informação, aos direitos humanos e no direito à educação escolar. É importante pensar que o ato de acessar essas experiências, ou seja, abrir essa porta é um gesto protagonizado pelo próprio estudante. Não é o docente quem faz isso por ele. Cury (2002) nos lembra com relação ao acesso à educação que:

Hoje, praticamente, não há país no mundo que não garanta, em seus textos legais, o acesso de seus cidadãos à educação básica. Afinal, a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio é indispensável para políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais e políticos e, mesmo, para reinserção no mundo profissional. (p. 246)

A ampliação do acesso à educação básica tem como quesito indispensável o exercício de cidadania, visto que oportuniza às pessoas das classes populares o desenvolvimento integral no sentido de contribuir nas tomadas de decisão em que o indivíduo precisa recorrer a seus princípios e saberes de experiência. Neste âmbito é importante pensar na diminuição da desigualdade para refletir sobre as situações de marginalização dos jovens e adultos das classes populares.

Em oposição à reflexão de Cury, o momento atual que vivemos, mostra com cortes na educação que não vem sendo respeitada pelo Estado a importância de um direito básico que é o acesso a uma educação popular, pública, gratuita e de qualidade.

No ano de 2019 presenciamos a extinção da SECADI-MEC que visava fortalecer a relação dos grupos historicamente excluídos da escolarização com a sociedade, conforme o jornal online, O Povo:

O novo ministro da Educação, Vêlez Rodriguez, acabou com a secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi). Conforme o jornal Folha de S.Paulo, a secretaria vai ser desmontada, dando lugar à subpasta Modalidades Especializadas. Ainda conforme apuração da Folha, a iniciativa tem como objetivo eliminar temáticas de direitos humanos, de educação étnico-raciais e a palavra diversidade. A nova pasta deve dar sequência à articulação de ações de ensino especial, voltado para jovens e adultos, educação no campo, indígena e quilombola. Desde que foi criada em 2004, a Secadi tem como objetivo fortalecer a relação dos grupos historicamente excluídos da escolarização com a sociedade. As diretrizes da secretaria consideram "questões de raça, cor, etnia, origem, posição econômica e social, gênero, orientação sexual, diferenças, condição geracional e outras que possam ser identificadas como condições existenciais favorecedoras da exclusão social". Durante a corrida presidencial, Bolsonaro - até então candidato à presidência -, já demonstrava ser contrário a políticas específicas a grupos vulneráveis, classificando esse tipo de ação como "coitadismo". (Redação O Povo – Online)

Também houve o fechamento de turmas EJA em Porto Alegre, como por exemplo, a EMEF Neusa Goulart Brizola e a EMEF Presidente João Belchior Marques Goulart, conforme o Conselho Municipal de Educação:

O “Manifesto dos professores da EJA e Conselho Escolar” expressa a surpresa do grupo mediante a decisão da SMED, visto que a assessoria “[...] nos disse que a EJA da nossa escola goza de prestígio junto à Mantenedora em razão do trabalho realizado [...]” e que a 4 “[...] justificativa para o fechamento da EJA de que há poucos alunos, um aspecto a considerar é a história da EJA no país, que mostra que esta oscilação das matrículas e evasões é própria desta modalidade de educação.” (fl.13).

a cópia da Ata 18/15, datada de 03 de novembro de 2015, cujo teor transcreve-se na íntegra: No dia 03/11/15 reuniram-se na sala da Diretoria Pedagógica da SMED a Diretora da EMEF Neusa G. Brizola, a Coordenadora da EJA/SMED, prof^a Simone Lovatto e a Diretora Pedagógica Adjunta, prof^a Adriana Guedes. Informamos que a partir de 2016 não haverá oferta da modalidade EJA, nessa Escola. A Direção irá informar o grupo de professores, possivelmente na próxima 4^a feira. Então, após esta data, iniciaremos a conversa com as escolas da região para transferência dos alunos. Sem mais, encerro. [três assinaturas] (fl. 05).

No Ofício nº 128/2017, de 26 de julho de 2017, o SIMPA observa:

De forma abrupta e sem consideração ao Plano Nacional de Educação – PNE (Lei Federal 13.005/2014) e ao Plano Municipal de Educação – PME (Lei Municipal 11.858/2015), o Executivo Municipal adotou, ao final do mês de julho do corrente ano, medidas de restrição às matrículas no programa de educação de jovens adultos – EJA, sem qualquer orientação, consulta ou comunicado oficial dirigido às escolas da rede pública atingida por tais medidas.

Segundo a PROCEMPA (2017):

[...] destacamos a atual realidade vivenciada pela Educação de Jovens e Adultos na cidade de Porto Alegre. Com um histórico de reconhecimento como um direito inerente à população e a busca do cumprimento com todas as precariedades que sabemos comuns à modalidade, a atual administração municipal cancelou as matrículas para EJA através de sistema próprio sob o argumento de concentrá-las em um único lugar, o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET), localizado em área central da cidade, sob alegação de efetuar um levantamento da demanda. Ao reduzir de 33 unidades para uma escola somente a oferta, nada mais faz do que restringir o acesso e coibir o atendimento da demanda. Demanda essa que atinge no país a 43% da população e que em Porto Alegre, atualmente, é de mais de 7 mil cidadãos e cidadãs, sendo que mais de 300 mil pessoas acima de 15 anos de idade não têm o Ensino Fundamental, conforme dados do Censo IBGE. (PROCEMPA, 2017)

No ano passado, a prefeitura de Porto Alegre causou polêmica ao anunciar que abriria matrícula para novos alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) exclusivamente no Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (Cmet) Paulo Freire, no bairro Santana, mantendo apenas as turmas já existentes nas outras instituições. As matrículas na modalidade chegaram a ser suspensas por um tempo na Capital. Entretanto, após resistência de educadores e movimentos populares de defesa da EJA, houve mudança nos planos, e o município desistiu da alteração.

Uma das escolas de EJA de Porto Alegre que sofre ameaças de fechamento, é a Escola Municipal Porto Alegre – EPA. Inspirada no pensamento de Paulo Freire, a escola foi criada pela prefeitura municipal de Porto Alegre com o objetivo de cumprir o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), proporcionando o direito à educação às crianças e adolescentes que vivem nas ruas do centro da capital. Posteriormente passou a atender jovens e adultos em situação de rua. Desde 2014, na gestão do ex-prefeito José Fortunati, a escola vem sofrendo ameaças de fechamento. Para chamar atenção da comunidade porto-alegrense

sobre a importância do trabalho desenvolvido pela EPA, integrantes da escola realizaram, entre os dias 26 a 30 de agosto, o evento Educação e Resistência: EPA 24 anos.

A ameaça de fechamento de escolas como esta não é a única adversidade que se observou nos últimos anos no Rio Grande do Sul. Também temos um cenário de descaso com os funcionários públicos em relação ao atraso e parcelamento de salário, de acordo com o Jornal Sul 21 (2019):

Teve bolo, docinhos e chapéu de festa, mas não foi uma celebração. A “Festa do Atraso” foi o jeito irônico que o Sindicato dos Servidores de Nível Superior do Poder Executivo do Estado do Rio Grande do Sul (Sintergs) encontrou para marcar mais um “aniversário” de atrasos e parcelamentos de salários do funcionalismo público estadual no Rio Grande do Sul, que já se arrastam por mais de quatro anos. O protesto foi realizado na manhã desta segunda-feira (30) no Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF), no Centro de Porto Alegre. (Jornal Sul 21, 2019)

São mais de quatro anos de atrasos e parcelamentos. Em 2015 se deu o primeiro parcelamento de salário durante o governo Sartori, que voltou a atrasar em 2016, desde então, o Estado não tem pago em dia. Em 2018 no governo Leite foi repensada uma metodologia de combinar parcelamentos e atrasos.

Estes exemplos mostram que a Educação de Jovens e Adultos está longe de ser prioridade do Poder Público. Atualmente, a EJA vem sendo tratada como uma modalidade supérflua tanto no nível municipal quanto no estadual e federal. Desse modo, evidencia-se a negligência do Estado para com o direito à educação de pessoas jovens e adultas no Brasil.

3ASPECTOS PEDAGÓGICOS DA EJA – A ESCRITA COMO PROCESSO DE MEMÓRIA E LEITURA DA PALAVRAMUNDO

Neste subcapítulo, apresento e reflito sobre a escrita dos e das estudantes de EJA com base na experiência pedagógica desenvolvida durante meu estágio supervisionado no curso de Pedagogia. Para isso, recorro a teóricos que trabalham com os conceitos de memória, escrita e leitura do mundo. Trabalhei com esses três conceitos por entender que a escrita e a leitura do mundo são indissociáveis e, juntas, permitem ao sujeito da educação refletir sobre suas lembranças e experiências de vida e assim ressignificar o mundo e a si mesmos, constituindo a *palavramundo*. Nesse sentido, a escrita pode ser compreendida como uma prática social em que a memória pessoal e coletiva se materializam em um texto. A palavra escrita é, ao mesmo tempo, uma forma singular de sistematizar a memória e a leitura de mundo de quem escreve. E, nesse sentido, a escrita expressa uma palavra carregada de sentido, memória, saberes, valores pessoais e sociais, de história pessoal, assim como de História de um tempo, de um grupo sociocultural e de diversos pertencimentos deste autor ou autora. É uma escrita encharcada de vida, de mundo. Daí que Freire tenha cunhado o conceito *palavramundo*.

Minha preocupação em descrever, neste trabalho, da maneira mais fidedigna as situações que vivi, já são retratadas por Pollak (1992, p.203-204) e remetem à organização das memórias aqui descritas:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória [...] O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento. (POLLAK, 1992. p. 203-204)

Seria importante produzir este trabalho agora por diversos motivos e aqui vou destacar os dois mais relevantes. Primeiro, porque os dados estão "frescos", uma vez que o estágio foi realizado no semestre anterior a esta escrita, porém os dados como anotações pessoais e a experiência ainda estão latentes em minha mente. Pollak (1992, p.201) expõe sua visão sobre os estágios da memória no que tentamos resgatá-la e creio que é a visão que me norteia para que eu busque em mim cada detalhe vivido durante o estágio:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992. p. 201)

Neste aspecto, acho importante salientar que a memória se dá através de uma aprendizagem ou vivência significativa e que, através desse resgate de memória, podemos construir um mapa pontual do que foi vivido sem alterar a essência do fato.

A memória não se reduz ao simples ato de recordar. Para Ferreira (2000, p. 11), a memória recebe o significado de "construção do passado pautado por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente". Portanto, a memória individual é importante na construção da memória coletiva e vice-versa.

Foi através das materialidades, fotos, vídeos e outras que oportunizaram meu resgate de memórias, pude descrever com autenticidade detalhes sobre o processo de construção do Jornal e dia-a-dia de estágio. Outro ponto importante que trabalhei durante o estágio foi a escrita e não podemos pensar escrita separada de leitura, pois juntas possibilitam a capacidade de criar e recriar conhecimentos.

Durante o período de estágio supervisionado, pude evidenciar que os estudantes têm suas dificuldades em leitura e escrita. Entretanto, trazem consigo diversas experiências que contribuem positivamente no processo de aprendizagem, pois este não se separa do processo de construção de cidadania.

Como educadores, temos o comprometimento com a educação dos nossos estudantes, no sentido de proporcionar uma aprendizagem significativa e buscar subsídio dentro das suas experiências, facilitando o processo de aprendizagem. A esse respeito, segundo Ferreiro (2005):

Que nos comprometamos com os futuros leitores para que a utopia democrática pareça menos inalcançável (...) Entre o 'passado imperfeito' e o 'futuro simples' está o germe de um 'presente contínuo' que pode gestar um futuro complexo: ou seja, novas maneiras de dar sentido (democrático e pleno) aos verbos 'ler' e 'escrever'. Que assim seja, embora a conjugação não o permita. (FERREIRO, 2005)

Enquanto escrevia este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler aconteceu na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da "palavramundo" (FREIRE, 1982, p.9). Cabe aqui, também lembrar o que o autor afirma a respeito da compreensão de mundo:

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisas que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir, escreveram as palavras. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo. (FREIRE, 2011, p.15)

A perspectiva pedagógica sob a qual se fundamenta Freire (2011) é a que considera o sujeito um ser de possibilidade. Desta forma, o sujeito busca uma aproximação e significação constante com todos os elementos que estão à sua volta e que, organizados, circunstanciados e ressignificados, constituem parte de sua existência e justifica a necessidade de conhecer, tanto para o exercício da vida

profissional quanto para encontrar, na leitura da dialética realidade – teoria – realidade um sentido amplo e profundo de si mesmo e de existência no mundo.

Durante os anos 1980 e 1990, o Brasil deu passos significativos para universalizar o acesso ao ensino fundamental obrigatório: reconheceu a educação como direito de todos os brasileiros, independentemente da idade ou fase da vida, melhorou o fluxo de matrículas e investiu na qualidade da aprendizagem desse nível escolar. Recentemente, agregam-se a esse esforço o aumento do número de crianças de 6 anos ao sistema educacional e a expansão do ensino médio.

Com a promulgação da Lei nº 9.394/96, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que incorporou as experiências e lições aprendidas ao longo desses anos, inicia-se outra etapa de reforma. Em relação à flexibilidade, o regime de colaboração recíproca entre os entes da federação e autonomia dos entes escolares, previsto na nova LDB, consolidou e tornou norma uma profunda ressignificação do processo de ensinar e aprender: prescreveu um paradigma curricular no qual os conteúdos de ensino deixam de ter importância em si mesmos e são entendidos como meios para produzir aprendizagem e constituir competências nos estudantes.

A universalização da educação, olhando para a EJA como igualmente importante nas políticas públicas, foi um ponto importante da LDB. Sendo em escolas públicas ou privadas, havia demandas que deviam servir a todos como o acesso à escola e as questões de inclusão, por exemplo. Ver que na BNCC o público da EJA se vê representado onde o ensino e aprendizagem é baseado também em suas vivências, auxilia em um resgate de suas memórias para que sua alfabetização tenha significado não somente pelo “aprender por aprender”, mas o quanto isso reflete no seu dia a dia. No âmbito legal, o espaço de aprendizagem promove um amplo exercício de cidadania, pelo qual o adolescente/jovem adulto estabelecerá a crítica sobre si mesmo e sobre o seu entorno e produzirá em si, meio de superação de dificuldades e de alternativas de desenvolvimento pessoal e coletivo de maneira consciente e protagonista.

4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA INSTITUIÇÃO DE PRÁTICA

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire é uma das instituições mais centrais em Porto Alegre, atendendo os públicos de diferentes regiões da cidade e é uma das únicas escolas que atende exclusivamente a EJA. Segundo o site da escola:

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire tem sua origem nas primeiras turmas do Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA) que funcionaram no centro de Porto Alegre. O SEJA foi criado na primeira gestão da administração popular em 1989. (s.p.)

Antes de localizar-se na Rua Santa Terezinha, 572, a escola funcionava na Rua Jerônimo Coelho, no Centro de Porto Alegre. O local fora adquirido a partir da participação do Orçamento Participativo da cidade. Inicialmente, as turmas de alfabetização de jovens e adultos ocupavam salas nos altos do Mercado Público (em 1989 e 1990), na Câmara dos Vereadores (1991), no prédio do INSS (1991), na FACED/UFRGS (1992) e em salas comerciais de dois prédios da Rua General Vitorino (de setembro de 1992 a setembro de 2000).

Turmas de funcionários da Prefeitura (DMLU, SMOV, DMAE) e de convênios (Carris, CECOPAM, IPF, Cia. de Seguros, Usina do Gasômetro) também existiram como extensões desta unidade escolar central. Em 1997 foi reconhecida como unidade escolar e passou a chamar-se Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET). Por ocasião da morte do educador Paulo Freire, em 1997, seu nome foi incorporado ao do Centro.

O CMET funciona nos turnos manhã, tarde e noite atendendo jovens a partir de 15 anos e adultos oriundos de vários bairros de Porto Alegre e cidades vizinhas. Os estudantes pertencem à classe trabalhadora e, no momento, a escola atende a um total aproximado de 900 alunos, dentre esses, pessoas portadoras de deficiências físicas, mentais e deficiência visual. Em função desta diversidade, a educação no Centro se caracteriza pelos espaços e tempos diferenciados de construção de conhecimentos em todas as atividades.

4.1 O CONTEXTO DA TURMA

A imersão no contexto da turma em que eu realizaria o estágio não estava imposta, pois não havia uma turma disponível para que pudesse constituir uma análise sobre o grupo.

A turma não existia antes de iniciar o estágio, a coordenadora pedagógica formou uma classe de totalidade 3 a partir do pedido de uma das professoras de t3 pela superlotação da sua turma. Dessa maneira, nasceu a T3 303, uma turma composta por 8 adolescentes, 3 deles cumprindo medida socioeducativa, e 4 senhoras. Era, portanto, um grupo com grande discrepância em relação ao entendimento dos conteúdos.

A acolhida da escola e da equipe pedagógica me deu suporte para trabalhar junto da minha colega, que compartilhou essa experiência pedagógica comigo¹.

Penso que entramos em um cenário perfeito dentro dos nossos interesses pedagógicos, pois estávamos cheias de vontade de ensinar e aprender com nossos futuros estudantes; cheias de inspirações, referenciais teóricos e muita criatividade.

Nossa acolhida dentro da escola foi muito positiva e a coordenadora nos auxiliou em tudo que precisávamos saber sobre o contexto da turma, da escola e da comunidade, e foi muito motivadora em momentos de dúvidas e em escutar afetivamente nossos desabafos.

4.2 EXPERIÊNCIA EM SALA – O CAMINHO ATÉ A CONSTRUÇÃO COLETIVA

Como parte de uma explicação que marcou o grupo em sala sobre a Muralha da China e os trabalhadores que morreram em sua construção, refleti após as falas, o quanto nossas escolas produzem trabalhadores em massa, negando suas singularidades. São pessoas que negadas por uma sociedade que muitas vezes lhes nega emprego por não ter um diploma acadêmico, mas têm experiências e vivências na vida tão grandes quanto qualquer outro.

¹Aproveito para mencionar que, sem minha colega de docência compartilhada, essa prática não seria tão completa, especial e potente como foi.

Aqui, os muros que separam as nações, conforme falado em sala de aula e que muitas vezes segregam pessoas em locais que não são o seu de pertencimento – e aqui cito o local onde se sentem donas de si mesmas e livres – corrobora diretamente com esse abismo de pessoas que, por questões diversas, não dispõem das oportunidades de trabalho e de vida que outros, mais privilegiados, têm.

Para além da necessidade de escrita, aprender sobre as diferentes tipologias textuais e o interesse do grupo pela temática que envolvia o gênero da notícia, estar dentro da sala de aula com tantas vozes a serem ouvidas, me possibilitou a ideia do jornal, para que cada um dentro de seu espaço e do seu tempo, pudesse relatar um pouco do que sabe e quer compartilhar com o mundo. Creio ser importante ressaltar aqui a presença que tive somente como mediadora, pois interferir demasiadamente nessa construção seria corromper de alguma forma a ideia de escrita de que eles realmente pudessem falar sobre o que sentem ou julgam ser importante para si, para os outros e para o mundo.

Em todas as aulas preparatórias, era realizada uma conversa até iniciarmos o projeto do jornal, como amigos (professor x aluno, aluno x aluno), sobre conteúdo e cotidiano. Isso na verdade, não deixa de ser também uma estratégia de ensino entre nós, pois conforme vimos no seminário da EJA, o verbete de Freire (2004) nos diz que:

Contraopondo a educação do educador elitista ou reacionário, aquele que ignora o saber dos educandos ou das classes populares expõe o seu saber para eles ou impõe uma lógica de ascendência dos conteúdos formais sobre o saber destes, jamais se aventurando em saber "com eles". (FREIRE, 2004 p.28)

Freire (2004, p.28) estabelece que o educador ou a educadora progressista deve ir transformando sua fala "ao em com o povo". Tal atitude pedagógica implica o respeito ao "saber da experiência feito", necessário do ponto de partida da ação educativa problematizadora da realidade e, por isso, progressista. Acredito que aqui, o professor utiliza da teoria de Freire para "sentir" a turma e então, articular os seus conteúdos e/ou alterar o planejamento se julgar necessário.

Muitas vezes os estudantes querem conversar sobre o seu dia-a-dia e problemas pessoais. Presenciei conversas sobre casamento, relacionamentos, mortes, espiritualidades e derivados e dar atenção a esses relatos assegurou o estreitamento entre os laços que estabeleci com a turma.

Fazendo o exercício de relembrar situações, desde o início do semestre registrados no diário de classe e que foram, de fato, importantes para pensar na temática que permearia o estágio de docência na EJA, vem à minha memória o primeiro texto que trabalhamos e que prontamente deu a mim e a minha colega de docência compartilhada a “luz” do que seria negativo, em sentidos de manejos pedagógicos, para trabalhar naquela turma. O texto trabalhado no primeiro encontro foi de Eduardo Galeano, Livro dos Abraços, - O Sistema/1.

O sistema - Eduardo Galeano (trecho do "Livro dos Abraços")

Os funcionários não funcionam.

Os políticos falam mas não dizem.

Os votantes votam mas não escolhem.

Os meios de informação desinformam.

Os centros de ensino ensinam a ignorar.

Os juízes condenam as vítimas.

Os militares estão em guerras contra seus compatriotas.

Os policiais não combatem os crimes, porque estão ocupados cometendo-os.

As bancarrota são socializadas, os lucros são privatizados.

O dinheiro é mais livre que as pessoas.

As pessoas estão a serviço das coisas.

Figura 1: Poema de Galeano

Ao escolher o texto, por ser uma forma de pensarmos mais acerca da sociedade e fazer uma relação com a situação atual que estamos vivendo em nosso país, acreditei que seria positivo e potente trabalhar junto dos alunos um material tão

rico e autoreflexivo.

Como da forma planejada, organizamos o material impresso e questões orais e escritas fazendo uma análise crítica para que os alunos pudessem pensar criticamente sobre seu espaço na sociedade e sistematizar suas ideias no caderno, a respeito das questões solicitadas. Após a leitura individual e coletiva do texto e de algumas questões colocadas no quadro, distribuí o tempo para que pudéssemos pensar nas respostas e, após retomar o fio das questões para compartilharmos as escritas com o grande grupo, percebi que o texto ficou um pouco complexo para os alunos, no sentido de haverem palavras que fugiam do entendimento no contexto que estavam inseridas na frase. Além disso, a interpretação não se fez entender para o grupo, por exemplo, “Os centros de ensino ensinam a ignorar”. Neste trecho, esperávamos que os estudantes pudessem interpretar diferentes formas e fazer uma relação com situações já vivenciadas, porém ficou difícil uma interpretação mais intensa do texto. Por exemplo, surgiram falas como “Se é um centro de ensino, ensina.”; “Centro de ensino não ensina a ignorar, ensina”. Esperei que o pensamento após a leitura fosse voltado a um questionamento, como “O que eu entendo sobre centro de ensino?”; “Por que um centro de ensinar vai ensinar a ignorar?”; “Se é centro de ensino por que vai ensinar uma coisa ruim como ignorar?” e assim ir se estabelecendo uma sistematização mais voltada as experiências do eu. Entretanto, precisei fazer essas análises críticas para que os alunos pudessem pensar sobre a mensagem que o texto realmente queria passar, esse questionamento.

Aprendi nesta situação que, em sala de aula, não mensuramos o aprendizado por etapa, precisamos sempre voltar um pouco, no que diz respeito ao que está se ensinando, reforçando aquilo que já é óbvio. Diante da resistência dos estudantes em identificar a crítica à escola implícita no texto, me questionei sobre o momento em que o conteúdo começa a ficar difícil e onde começa a fazer sentido para o estudante, e o quanto esse desprendimento do que é o óbvio para o educador faz diferença, pois o óbvio pra mim pode ser o desconhecido para o outro.

Posteriormente a esse momento de leitura, respostas e reflexões através de análises críticas, tal atividade, que não foi potente para o grupo como eu imaginara ao planejar, tivemos um segundo momento que fazia ligação com as questões que

surgiram a respeito da obra. O planejamento pedia para que os alunos criassem um jornal onde, através do gênero textual da notícia, a turma pudesse analisar aspectos da realidade e até mesmo trechos do texto que fizessem ligação com o que foi falado. Esta atividade foi muito bem aceita pelo grupo, e surgiram desenhos, citações, letra de música, fatos vivenciados entre outras criações.

Entre todas as produções escritas e obtendo um retorno tão positivo sobre a proposta do jornal, surgiram questões muito significativas sobre a atividade e o interesse em continuar trabalhando com a criatividade e com o desabafo que sentiram em apresentar ideias que não estavam nas respostas escritas no caderno, porém faziam muito sentido com o texto. Percebi, desta forma, o rendimento que esse trabalho poderia levar às minhas aulas, e essa motivação por parte dos alunos em algo tão pontual me deixou muito satisfeita. Assim se dissipou a frustração inicial da atividade com o texto. Desta forma, comecei a pensar de forma mais afetiva sobre o jornal e sobre a possibilidade de trabalhar os diferentes gêneros textuais que o compõem.

Com sugestões e falas importantes de minha orientadora, comecei a trabalhar junto dos estudantes os diferentes gêneros textuais que traçaram um entendimento desde o gênero notícia até crônica, carta, bilhete, reportagem, relato, e-mail, biografia, verbete de dicionário, receita, entrevista, cardápio e lenda, e desta forma, pude explorar, a sugestão da coordenadora de “puxar” a turma no sentido de interpretação, leitura e escrita e também unir o interesse dos alunos pelo jornal explorando os textos que lhe formam.

O primeiro passo até a construção do jornal da turma foi conhecer de maneira mais pontual os principais gêneros de texto que compõem um jornal popular e, de forma bem estruturada, seguindo um planejamento sistematizado, essas apresentações foram realizadas com sucesso para os alunos. Em um momento específico, surgiu a minha sugestão de criarmos o jornal da turma, que pudesse trazer um pouco das produções individuais e assuntos dos interesses de cada um. A ideia foi muito bem aceita pelo grupo de maneira geral, gerando uma ansiedade por escolher o nome, detalhes e a coluna, bem como o assunto que cada estudante ficaria responsável dentro da obra. Assim, começamos a produzir.

50 JORNAL – GAZETA ESTUDANTIL

O princípio básico do jornal, ao abrir as pautas, seria um debate livre sobre o tema que queriam escrever. Salientei que seriam respeitadas as diferenças, crenças e opiniões de todos. Através de conversas com a turma, ocorriam combinações para que as colunas mantivessem uma linha que não abrigasse incitação ao ódio e sim uma mente disposta ao debate sobre o tema.

A cada aula, eram colocadas notícias de jornais com diferentes assuntos e logo apareciam as hipóteses levantadas pela turma: se conheciam algum ato na comunidade em que vivem relacionados com o tema da notícia, se vivenciaram, se acreditavam que ações na mídia são relevantes e os motivos pelos quais creem nisso. A partir deste levantamento de respostas, conseguimos estreitar os laços entre os estudantes e suas temáticas. Buscamos, a partir das notícias de cada aula, entender o que se aproximava de suas pesquisas e o que não tinha a ver com os assuntos que estavam abordando.

À medida que foi se realizando a proposta, cada um foi escolhendo mais conteúdos para os seus temas de pesquisa e relatos de experiência, conforme o apontamento de suas preferências. Em uma aula específica, sobre o gênero textual da notícia, levei jornais da UFRGS para trabalhar conjuntamente com os alunos, para que pudessemos observar juntos a estrutura do material. Me surpreendi quando um estudante falou em tom de voz alto: “Ah, mas aqui não tem notícias”. Fiquei muito feliz em perceber que os estudantes já estavam começando a assimilar as diferenças entre os gêneros de texto e capazes de identificá-las/ou apontarem sua falta em obras completas.

Com o passar das aulas e apresentando diferentes produções, senti a necessidade de falar sobre a ética de alguém que trabalha produzindo um material informativo e a responsabilidade social que esse sujeito carrega, por se colocar uma notícia falsa ou incitar algum sentimento negativo, assim como, dar mais ênfase para o que acha da notícia do que ser imparcial com o fato e o quanto isso pode ser danoso para todas as pessoas que estarão lendo, pois estamos com o poder da

palavra sobre as mãos. Alerttei-os sobre toda essa importância e todos escutaram atentamente e concordaram. Para complementar minha fala, levei uma mesma notícia reproduzida em diferentes veículos de comunicação, o que foi extremamente influente para entendermos toda minha colocação. Conseguimos analisar juntos que, em alguns casos, a vítima virou a vilã e percebemos que, em algumas fontes, o jornalista parecia demonstrar raiva em seu texto, colocando o leitor contra o sujeito da história, enquanto, em outras fontes, percebemos a imparcialidade, nos dando a possibilidade de entender o que de fato aconteceu. Percebemos a importância de deixar aberto o fato para o leitor criar suas possibilidades de pensar o que realmente aconteceu, sem atribuir culpa a nenhum sujeito da notícia, cabendo ao leitor sentir, emocionar-se, afinal, quem dá a notícia deve somente apresentar os fatos.

Posteriormente ao momento de apresentar a mesma notícia em diferentes veículos de comunicação, levei um texto da internet, de autor desconhecido, contando o fato do lobo ter engolido a vovozinha e tentar fazer o mesmo com a chapeuzinho. O texto era um pouco exagerado, trabalhando com macetes de fontes conhecidas, como apresentam a notícia, maneiras já cristalizadas e que conhecemos. Os alunos acharam engraçado e, em alguns momentos, puderam apontar críticas às fontes, como, por exemplo, machistas, agressivas e influenciadoras. Fiquei satisfeita com o êxito da proposta.

Conhecemos os gêneros, tipologias, percebemos a importância da imagem no que diz respeito à livre interpretação do leitor, além de trabalharmos com a frase “uma imagem vale mais que mil palavras”, será? Tivemos encontros específicos, guardados especificamente para observarmos o corpo de um jornal e definirmos o nome e o que seria interessante para compor a nossa produção. Foi então que surgiu o Gazeta Estudantil, nome escolhido através de votação para desempatar com o nome Jornal da Gurizada, também escolhido por alguns estudantes.

Nosso jornal se compunha de uma capa com o nome em negrito e fundo amarelo e uma foto. Em um primeiro momento, acreditei que os estudantes gostariam de fazer algum desenho ou deixar a capa mais completa de informações. Porém, a turma em si concordou em manter uma capa sem muitos textos, acharam os jornais com muito texto na capa tedioso de ler e queriam que o

Gazeta fosse diferente para o leitor, “sem muitas letras pequenas pra não precisar colocar o óculos pra ler” disse ZL, “um jornal pra quem é velho também”, completou.

Com as produções bem desenvolvidas pelos estudantes em seus cadernos e uma quantidade de material, já coletado, bem sustentável para uma primeira edição do jornal, começamos o exercício de correção no caderno. Sentávamos com cada estudante para ler junto, corrigir conjuntamente os erros de ortografia, pensar no que está escrito, verificar se o texto contém algo impróprio no sentido de incitar sentimentos de ódio, homofobia, machismo e pensarmos juntos diferentes possibilidades e desconstruções. O exercício foi realizado e os materiais estavam prontos para passarem pelo próximo passo: a transcrição. Após procedimento de correção e pensar junto dos alunos, chegou um momento muito importante em que o grupo, no geral, estava se sentindo muito responsável por sua obra e orgulhoso do resultado.

Desde o início do projeto, foi concordado que usaríamos o ambiente do laboratório de informática e este momento foi muito esperado pelos estudantes. Este dia chegou e, com as escritas em pastas, nos direcionamos para o laboratório. Os estudantes não haviam usado o laboratório até aquele momento e, portanto, não conheciam a sala. Fiquei muito triste por não terem conhecimento do espaço anteriormente, porém fiquei feliz por conhecerem-no comigo e em prol de uma atividade tão significativa.

Muitos estudantes não sabiam mexer o computador. Por isso, tive que trabalhar conceitos básicos desde ligar a máquina até o acesso à internet. O primeiro passo para que pudéssemos trabalhar a transcrição foi criar um e-mail da turma, que seria nosso destinatário até o final da atividade. O segundo passo foi criar um e-mail para cada aluno, e-mail pessoal, explicando as funções desde um padrão de como enviar um e-mail formal, adicionando o destinatário, anexando arquivos, colocando assunto e uma mensagem formal, saudando, apresentando o contexto e se despedindo. Essa aula foi importante para além do jornal, os alunos poderão usar o e-mail para a vida.

Com as idas semanais ao laboratório de informática, estabelecemos algumas combinações, como a maioria dos alunos não tinha acesso à internet em casa,

disponibilizei um tempo para que pudessem mexer no computador e na internet conforme quisessem em dois momentos: antes de começarmos as atividades e depois de concluir o trabalho. O acordo foi muito importante, pois os alunos não sentiam a necessidade de burlar a proposta pedagógica durante o momento de pesquisas e transcrições, pois tinham um tempo destinado para usar suas redes sociais e afins.

No decorrer dos dias, percebi que a turma começou a se apropriar do e-mail e conhecer mais sobre as regras do teclado. Com muita persistência para os erros e dificuldades, as produções ficaram a cada dia mais elaboradas e bem escritas. Um processo que se iniciou e se encaixou interdisciplinarmente, unindo conhecimentos de diferentes segmentos.

H.S

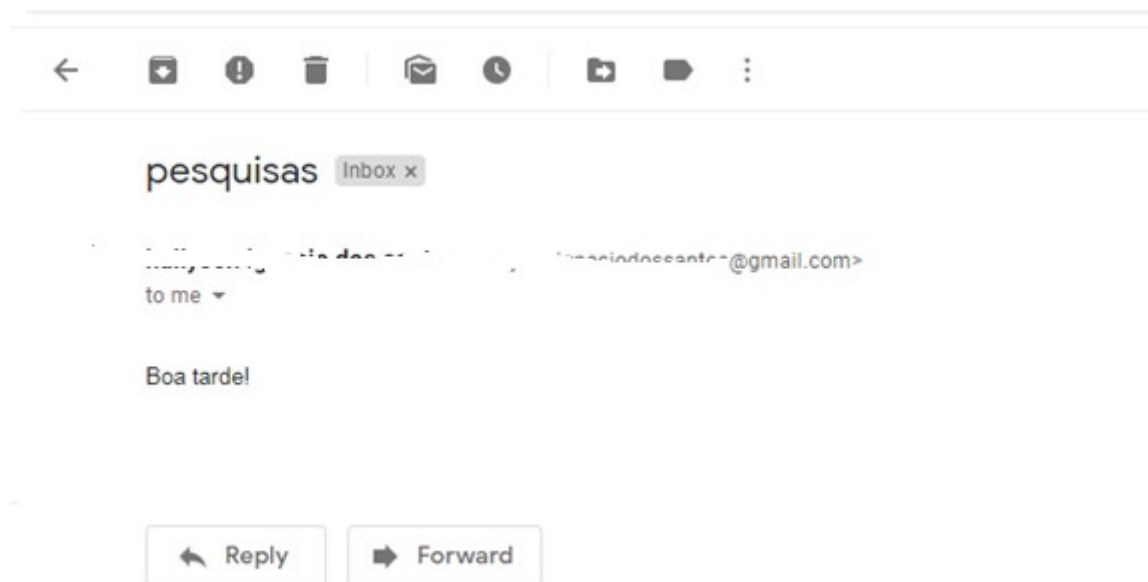


Figura 2: Diálogo de Hallyson



Figura 3: Diálogo de Hallyson (2)

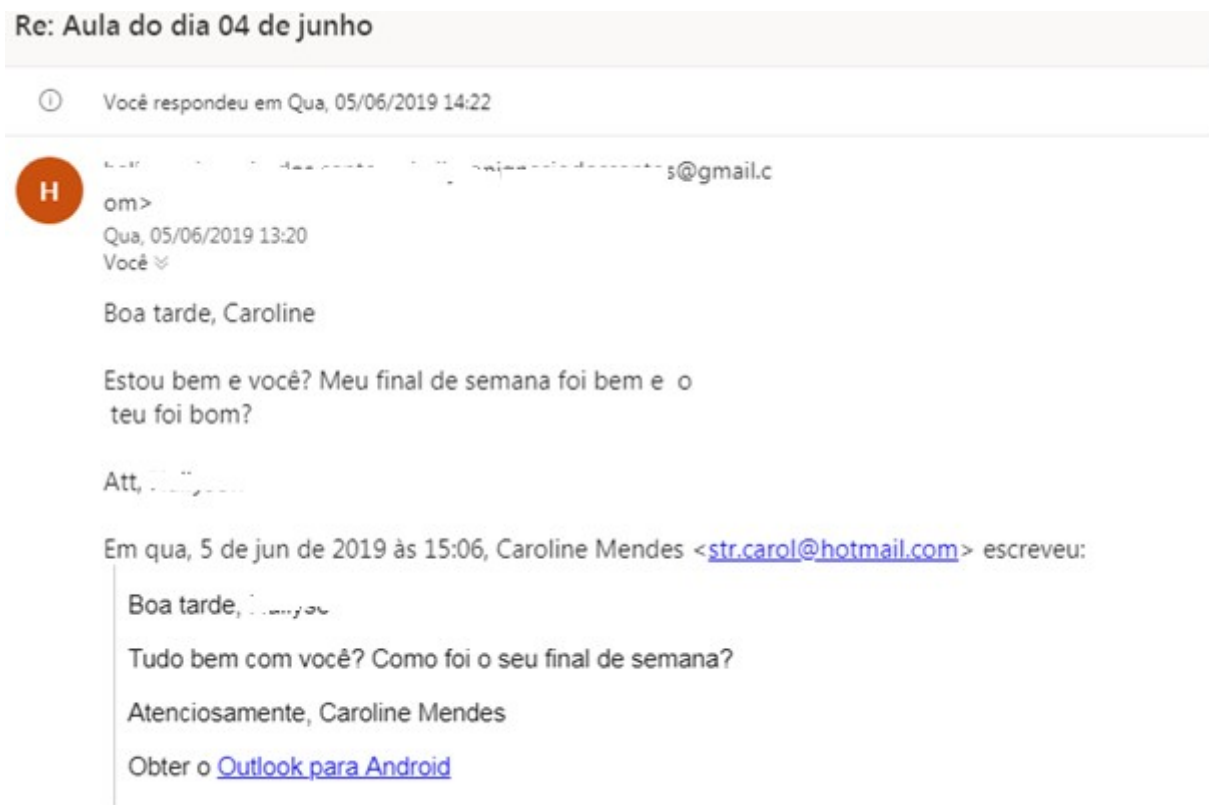


Figura 4: Diálogo de H.S (3)

Re: Aula do dia 04 de junho

H [Profile Icon] [Name] <[Email Address]>@gmail.c [Icons]

om>
Qua, 05/06/2019 14:33
Você ✔

Tu que fez e se doce? Me traz um pedaço?

o que e ambrosia cual doce tu fez mais

Em qua, 5 de jun de 2019 às 16:22, Caroline Mendes <str.carol@hotmail.com> escreveu:
Meu final de semana foi ótimo, comi ambrosia, pudim e outros doces e também saí para passear e você, o que fez?

Att, Caroline

Obter o [Outlook para Android](#)

From: [Name] <[Email Address]>
Sent: Wednesday, June 5, 2019 3:20:58 PM
To: Caroline Mendes
Subject: Re: Aula do dia 04 de junho

Boa tarde, Caroline

Estou bem e você? Meu final de semana foi bem e o teu foi bom?

Att, [Name]

Em qua, 5 de jun de 2019 às 15:06, Caroline Mendes <str.carol@hotmail.com> escreveu:
Boa tarde, [Name]

Tudo bem com você? Como foi o seu final de semana?

Atenciosamente, Caroline Mendes

Obter o [Outlook para Android](#)

Figura 5: Diálogo de H.S (4)

fase

H [Profile Icon] [Name] <[Email Address]>@gmail.c [Icons]

om>
Ter, 25/06/2019 14:11
Você: gazetaestudantilt3@gmail.com ✔

a sim não da k sera que a cadeia e Assim pra que ta la e mais a fase eu to no semi aberto eu sei que eu to sereno e sera que ta la sera que e bom ta la e acadei-a não e facil né i eu queria a cadeia e foda não recebi visita si não tive Au
□□□kkk

equei tia poiando bá tu si ferra e foda a cadeia tei força de gente que foi preso km e foda que un reconhece u e outro e fala di embrolamento ba e fala di mulher de robô di homicídio e monte coisas e cadeia não e pra criança e pra omeis que fizera-o coisas erradas e e iço fui e nois e meio dia e o almoço e depois da pra dormi e depois a visitinha de oras e denoiti da pra fumar uma maconha kk de pois a ducha de depois da pra comprar un telefone k e assim o cara chega la e eles perguntão cual e teu embrolamento e u cara fala que e embrolamento dos anti bala ta na mao ai eles xama o xefi da cale ria u que sabe da galeria dai u omi bota us cara pra ve uma mao no trafico ou no homicídio ou trabalhar na fase e assim quando entra na galeria já fala que e anti bala eos guri na da cadeia kkkkkkkkkkkk □□□□□□□□□□□□□□□□

Figura 6: Diálogo de H.S (5)



Figura 7: Diálogo de H.S (6)

Nas análises dos diálogos do H.S, percebi primeiramente o conhecimento de mundo que ele tem. Ignorando o fato de erros ortográficos possíveis por uma falta de escolarização, ele conhece como funciona o sistema da FASE e de como é o semiaberto talvez melhor que muitos teóricos. Porquê? Pelo conhecimento de vida. Ele viveu aquilo e pode passar adiante, através da sua ótica sobre aquele ambiente e como sobreviver nele.

O aluno mostra conhecimento sobre o que é hierarquia, como cita, no caso das “galerias”, conhecimento sobre leis, quando cita o quanto é útil para que permaneça no semiaberto se manter “sereno” e sabe o quão grave são crimes com crianças, ao demonstrar apreensão falando sobre o tema.

O aluno demonstra também cordialidade ao perguntar como estou e curiosidade ao ler sobre um doce que não conhece.

Indo para a questão da leitura de mundo que tanto citamos principalmente na

educação de jovens adultos, H.S demonstra conhecimento sobre seu próprio cotidiano, leis, estrutura hierárquica e respeito ao próximo na medida de sua própria situação social. É exatamente o conhecimento que buscamos na EJA: as vivências do sujeito para seu próprio aprendizado, explorando as potencialidades daquilo que já se conhece.

Z.L

A aluna Z.L disse que cotidianamente presencia casos de racismo e por ser negra, sente na pele essas questões. Após trazer dados sob suas vivências e também assuntos que pesquisou na internet sobre o tema, a aluna escreveu então sua coluna sobre “Violência e Preconceito” ao qual descrevo aqui. Para não ocorrer exposição e preservar a fonte, relato abaixo sua coluna na Gazeta Estudantil, sem correção ortográfica e sem alteração de nenhuma palavra ou do contexto ao qual ela pretende com sua coluna sobre:

Violencia e preconceito

Boa tarde nobres amigos hoje veio falar sobre o racismo e preconceito marcado por praticas e violências. no épocas atual ainda e muito comum raça negra ser discriminadas seja nas escolas faculdades numa vaga de emprego mesmo após a abolição da escravatura negros tem que lutar muito perante a sociedade para garantir que seus direitos sejam respeitados eu mesma já passei por isso se eu pego ônibus me sento na ponta do banco pode lotar ônibus ninguém vem pedir colicensa pra sentar. variassintuacaos já vivi ate mesmo numa loja de shopin ou no centro da cidade e muito ruim ver que numpaisaconteca esse tipo de coisa. preconceito contra os idosos falta de educacao dos jovens que não respeitam os assentos reservados para as pessoas idosas e portadores de deficiencia hoje eles sobem nos onibus se tiver ocupados são obrigados seguir ate seu destino em pe então vamos nos conscientizar que um dia vctambem vai ser hum ótima tarde para todos

A coluna relata as experiências de Z.L exatamente na sua ótica e o quanto ela sofre com o assunto que ela escolheu. Apenas foi realizado a mediação tanto com ela, quanto com os outros da turma, para que o jornal pudesse ser o reflexo dos olhos deles.



Violencia : toda mulher tem o direito de ser feliz e ser respeitada.

Boa tarde muitas mulheres se calam, mas agora não devemos mais ficar caladas. Eu já vivi isso na minha vida e não é fácil superar as vezes. sonho com meu passado de violência e acreditem, sobrevivi por um milagre, por criar uma força pra sair daquela vida de violência.

Minha infância não foi aquele mar de rosas, me tornei mulher na marra e sofri muito, chorei mas aprendi a não confiar em palavras bonitas. Vivi onze anos e mais nove anos com duas pessoas que só me machucaram e não gosto de me lembrar desta parte da minha vida, então você conhece um cara que começa a querer mandar em você, tipo, se você não atende uma chamada é motivo para desconfiança, logo a cobrança, você sente que não deve continuar com a pessoa por motivo de já ter vivido essa cena, você prefere sair, terminar porque esse papel você já representou e não cabe mais reviver tudo de novo.

Toda mulher quer ser feliz e não espancada ou ameaçada, mas do jeito que está é mais fácil viver sozinha e feliz do perder a liberdade de ir e vir, de se expressar e poder dizer o que pensa, poder chegar no seu lar depois de um dia de trabalho e não ser recebida com ofensas, socos e ameaças, mas sim com um sorriso uma pergunta " como foi seu dia, amor?" " já fiz a janta" ou " vamos tomar café ?" um abraço carinhoso é o que todas as mulheres merecem receber..

Figura 8: Coluna do Jornal Gazeta Estudantil

Em uma segunda experiência de coluna para o jornal, Z.L faz uma reflexão sobre violência, ao qual mostro acima ao leitor como foi reproduzida no jornal.

No primeiro momento um leitor desavisado pode se prender em possíveis erros de ortografia ou pontuação. Como futura pedagoga, penso que a sutileza da expressão das ideias e a tentativa fiel de expor um pouco de sua vida a quem está do outro lado do papel é mais importante do que qualquer questão gramatical. Em atividades que envolvem a inclusão social, antes mesmo da alfabetização e do letramento, creio que deve haver um significado na proposta pedagógica para o educando – e sempre que possível, em todos os espaços escolares. Ao colocar no papel suas vivências, Z.L escreve com seu coração, como pensa e da forma que acredita ser a correta para que saibamos o que quer expressar. O seu conhecimento de vida é algo único e que não deve ser ignorado por questões de gramática.

Então devemos ignorar a alfabetização da aluna?

Não é o que propus durante meus planejamentos e a organização de toda a

atividade do jornal, mas sim respeitar a singularidade da aluna e o que ela entendia como o gênero literário, sejaem sua escrita ou com a sua experiência com jornais e a interpretação do mesmo ao longo de sua vida.

Sobre essa educação – aquela que recebe da vida e das suas vivências - segundo Gohn (2010), os espaços não-escolares são importantes e as "diferenças" entre espaço não formal e formal. Quando fala sobre espaço não formal, Gohn (2010) cita o aprendizado dado de forma espontânea, não formal, fortalecendo vínculos de solidariedade, percebendo interesses comuns e visando prioritariamente a formação cidadã – o que acima expresse que foi o intuito da construção coletiva desse jornal:

a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN, 2006, p. 2-3)

Já quanto aos outros alunos que participaram da atividade, não há competição até onde pode ser observado, tendo um "coleguismo" entre todos os presentes e nesse ponto, podemos lembrar que Brandão (2005) nos diz a respeito dessa evolução do grupo e da linha de disciplina que seguem:

Aprender a fazer alguma coisa, a construir algo, a criar alguma coisa, boa e útil para nós e para todos. Aprender um ofício, um trabalho e aprender isso aprendendo a trabalhar com as outras pessoas de uma maneira que todas as pessoas se respeitem e se sintam respeitadas e felizes. (BRANDÃO, 2005. p. 84)

Durante a produção, foi possível ver que as diferenças de faixas etárias em nada influenciam no aprendizado e todos se tratam como iguais em questão de potencial, dificuldades e ajuda ao próximo. Aqui, não posso deixar de mencionar o que diz novamente FREIRE (2004) a respeito disso, que foi debatido em sala de aula e na prática, pude visualizar que "ninguém ensina ninguém, mas ninguém

aprende sozinho. As pessoas ensinam umas às outras e aprendem umas com as outras". A interação entre os alunos aqui torna-se fundamental para a produção da atividade proposta e ao longo das aulas, houve percepção tanto deles quanto da mediadora de que todos estavam concluindo tanto a atividade, quanto a mediação de conflitos entre eles e que os acordos coletivos eram de melhor resolução quando decididos em grupo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, busquei refletir sobre a produção textual na EJA com base em minha experiência de estágio supervisionado nesta modalidade da educação básica, realizado em 2019. O objetivo deste estudo foi analisar a experiência de escrita na EJA desenvolvida em turma de totalidade inicial do Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre.

Lembro dos meus estudos em História na licenciatura em Pedagogia da UFRGS, quando estudamos a "Maquinaria Escolar". O que ficou marcado lá para mim e que encontro novamente nas falas de CURY (2002) é que não há uma forma de pensar que não a de massa, um conteúdo único que ignora o pensamento crítico do aluno:

"Hoje cresceu, enfim, a importância reconhecida da lei entre os educadores, porque, como cidadãos, eles se deram conta de que, apesar de tudo, ela é um instrumento viável de luta porque com ela podem-se criar condições mais propícias não só para a democratização da educação, mas também para a socialização de gerações mais iguais e menos injustas. É preciso considerar que a inscrição de um direito no código legal de um país não acontece da noite para o dia. Trata-se da história da produção de um direito e que tem sua clara presença a partir da era moderna." (CURY, 2002. p. 247)

Aqui, o autor me fez refletir sobre projetos de lei que impedem a discussão e debates em sala de aula e que me fez pensar na proposta do jornal Gazeta Estudantil e levar a reflexão crítica para dentro do espaço escolar. O quanto por mais que as lutas venham de outras décadas, há um pensamento do Estado para que barreiras como a da Muralha da China sejam mantidas, mais trabalhadores saiam da escola somente como trabalhadores e a escola para o Estado não tentar formar cidadãos pensantes. Há um claro movimento para que o comodismo impeça que as pessoas realmente lutem por seus ideais.

Durante o movimento que resultou na culminação do projeto, pude perceber, gradualmente, a importância da experiência de escrita no processo de aprendizagens para os estudantes da EJA.

A forma que cada estudante se apropriava de sua coluna e buscava saber mais sobre os conteúdos que contemplavam sua temática, preocupando-se com as regras gramaticais e tomando para si um cuidado estético com o produto final, salientou a importância que o jornal teve e como contribuiu para que houvesse interesse da turma pela proposta na íntegra. De modo geral, percebi que o Gazeta Estudantil promoveu aos estudantes o desejo por conhecer diferentes tipologias textuais, a busca em diferentes plataformas de pesquisa, o entendimento de e-mail como método facilitador para trocar mensagens sobre um assunto comum entre colegas da turma, com a professoras ou qualquer outro indivíduo, fugindo contexto de utilização para fazer login em plataformas para baixar aplicativos ou acessar redes sociais.

A experiência foi uma oportunidade de conhecer ao outro e ser conhecida intimamente, pois, estabeleci com a minha turma uma relação aberta de igual para igual. Minha ligação com o grupo era calorosa, cheia de sentimento e empatia. Escutei muitas histórias de vida de chorar junto, por vezes ri e gargalhei de rir, em alguns momentos não pude dizer “sei como é”, e sim, “eu entendo a situação” pois me faltavam vivências e por mais que eu entendesse sobre o que estavam falando não sabia como era fazer parte de uma restrição de liberdade, ter um filho preso ou passar as madrugadas vendendo café e rapadura no portão de um hospital.

Este trabalho me possibilita pensar, com base no meu resgate de memória, a importância de ser uma professora ouvinte e que valoriza e usa o interesse do aluno como uma temática geradora que serve como porta de entrada para uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192

Centro Municipal de educação de trabalhadores Paulo Freire. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cmet/>

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença**. *Cad. Pesqui.* [online]. 2002, n.116 [cited 2014-02-28], pp. 245-262

Dicionário Paulo Freire/ Danilo R. Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitzoski, (orgs.). - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Disponível:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_ped_artigo_rosangela_cristina_rocha.pdf Acesso em: Out 2019.

Disponível: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2019/01/ministro-de-bolsonaro-acaba-com-secretaria-voltada-para-educacao-de-su.html> Acesso em: set 2019.

Disponível:

http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smed/usu_doc/parecer_002_2016_eja.pdf Acesso em: Nov 2019

Disponível:

http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smed/usu_doc/parecer_039_2017_modalidade_eja.pdf Acesso em: ago 2019.

Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/22/escola-que-atende-moradores-em-situacao-de-rua-em-porto-alegre-promove-seminario/> Acesso em: out 2019

Disponível: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/geral/2018/07/640369-prefeitura-desiste-de-fechar-escolas-com-eja.html Acesso em: set 2019.

Disponível: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/09/festa-do-atraso-marca-mais-um-mes-de-parcelamento-e-atrasos-salariais-no-rs/> Acesso em: out 2019

Disponível: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/687/706>
Acesso em: nov 2019.

FERNÁNDEZ, Samuel. La Educación Adaptativa como Respuesta a la Diversidad. In Signos. Teoría y práctica de la educación, 8/9 Enero/Junio de 1993. Páginas 128-139. ISSN: 1131-8600. Disponível em <<http://www.quadernsdigitals.net>>. Acesso em 08/11/2019.

FERREIRA, Marieta Morais. História do tempo presente: desafios. Petrópolis: Vozes, 2000. (Cultura Vozes, 94).

FREIRE, Paulo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra? Paulo Freire, Donald Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. In _____ Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

GOHN, Maria da Glória. Educação não Formal, Participação da sociedade Civil e Estruturas Colegiadas nas Escolas. **Revista Ensaio: Aval. Pó. Públ. Educ.** Rio de Janeiro, vol. 14, n° 50, jan./mar. 2006, p. 27-38.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e palavras / Carlos Rodrigues Brandão; participação de Ana Maria Araújo - São Paulo: Editora UNESP, 2005 il. - (Série Paulo Freire)

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro., vol. 5, n 10, 1992, p. 200-212. Secretaria da educação do Paraná.
Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=71>